

APOGEU E CRISE DE UM ESPAÇO INDUSTRIAL: O CASO DO LESTE DA BAÍA DE GUANABARA

Cláudio Barbosa da Costa¹
Luciano de Andrade Zeferino²

Os municípios que compõem a área de investigação tiveram um vigoroso desenvolvimento urbano-industrial a partir dos anos 30, marcado por uma significativa expansão das atividades industriais na hinterlândia do porto da cidade de Niterói, configurando um espaço industrial no eixo Niterói - São Gonçalo, mais precisamente no eixo Barreto (Niterói) - Neves (São Gonçalo). Secundariamente, se processou um pequeno desenvolvimento industrial nas imediações do atual bairro de Alcântara, em São Gonçalo, e de olarias no município de Itaboraí.

A industrialização nesta área da orla oriental da Baía de Guanabara, consolidou o desenvolvimento de atividades comerciais e de serviços dando origem e possibilitando o adensamento urbano e grande concentração de força de trabalho. Todavia, outros condicionantes são constitutivos para a estruturação da região: a proximidade com a cidade do Rio de Janeiro, a situação política de Niterói que se constituía como a capital do antigo Estado do Rio de Janeiro e a disponibilidade de terras para alocar contingentes numerosos de migrantes. Os dados do Censo Demográfico de 1940 informam que a cidade de Niterói era uma das poucas cidades brasileiras que já havia ultrapassado, neste ano, a casa dos 100.000 habitantes.

Em meadas da década de 1950, Geiger (1956, p. 497) observava que:

O progresso urbano e industrial do Rio de Janeiro tomou grande vulto em épocas posteriores a 1930. Em consequência observou-se intensa urbanização nas áreas circunvizinhas que ficaram intimamente ligadas à metrópole. A orla oriental da Guanabara apresentou particularmente este fenômeno; a industrialização então se ampliou na parte norte de Niterói [Barreto], propagou-se pelo município de São Gonçalo, onde foi notável a evolução industrial, ultrapassando, o município da capital do Estado quanto ao valor da produção.

A consolidação da orla oriental da baía de Guanabara como espaço industrial se processou em consonância com o novo modelo de acumulação capitalista que teve início a partir dos anos 30, aprofundando –se no pós-guerra e que começou a apresentar profundos sinais de esgotamento em fins da década de 1970. Pautado num modelo, denominado de fordista, este padrão de acumulação de capital definiu-se por algumas características, que podem ser assim resumidas:

- A organização da produção fundava-se em bases tecnológicas que se pautavam por um sistema de máquinas de caráter rígido com divisão específica do trabalho. Este modelo implicou na instituição de uma ética do trabalho caracterizada por um conjunto de qualidades, tais como diligência, pontualidade, assiduidade e internalização da disciplina na produção;
- Um determinado regime de acumulação, que buscou compatibilizar produção em larga escala e consumo de massa num determinado nível de lucro;
- Um modo de regulação social que compreende a base ideológica, política e cultural de produção de valores e instituições que atuam no plano do controle e da reprodução ampliada das relações sociais.

Portanto, a partir deste momento, a história da sociedade brasileira passa a se confundir com a própria história que funda o urbano no Brasil. A expressão territorial desta nova espacialidade foi a proliferação de cidades e de metrópoles, com a efetiva urbanização do território brasileiro. No contexto deste processo de vitória da cidade sobre o campo, é que se torna possível a compreensão da modernização capitalista do território fluminense, na margem oriental da Guanabara.

“Para o interior da baía, na direção norte, com margens lodosas sem as brisas refrescantes, localizam-se em terrenos baratos, por vezes, sobre aterros os bairros proletários bem como a zona industrial. Nesta área encontramos o bairro industrial do Barreto (mais setentrional do município de Niterói) do qual se passa sem transição para o de Neves [...] Neves, antiga vila do passado, constitui hoje o distrito mais industrial do município de São Gonçalo, com fábricas e vilas operárias. Forma uma conurbação com o bairro do Barreto. Sua população, inteiramente urbana, era, segundo o censo de 1950, de 52.424 almas.” (op. cit., pp. 507-508)

¹ Professor Assistente do Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Brasil. Doutorando em Geografia Humana/Universidade de São Paulo/Brasil.

² Bolsista do Programa de Iniciação Científica-PIBIC/UERJ. Graduando em Geografia da FFP/UERJ/Brasil.

O processo desencadeado, a partir desta época, no entanto, não consolidou os municípios como eixo principal da industrialização da região metropolitana do Rio de Janeiro, mas, ainda assim, estruturou um importante parque produtivo, como mostra o conjunto das atividades industriais no eixo mencionado. Desenvolveu-se, na área, uma significativa concentração nos setores das indústrias de transformação dos ramos alimentícios, têxtil e naval, este último capaz de produzir embarcações de vários portes. Além desses setores, destacavam-se grandes estabelecimentos industriais, tais como a Companhia Fluminense de Tecidos, Fiat Lux, Metalúrgica Hyme, Fábrica de Bebidas Ron Merino, Eletrovidro, entre outras.

Os investimentos realizados, sobretudo, para os municípios de São Gonçalo e Itaboraí, não lograram desenvolvê-los como grandes centros industriais, refletindo um baixo grau de desenvolvimento da infraestrutura e serviços urbanos. Entretanto, o eixo Barreto-Neves é, ainda hoje, notavelmente caracterizado como uma área industrial, marcada pela dispersão em vários ramos da produção, com a existência de uma multiplicidade de estabelecimentos que se utilizam de sua localização litorânea como as indústrias de transformação de pescado e estaleiros dos mais diversos portes.

As marcas na paisagem evidenciam sinais de variadas formas e funções, misturando vilas operárias, favelas, conjuntos habitacionais, igrejas e templos diversos, escolas de formação profissional ligadas as classes do patronato e ao Estado, como o SENAI e a Escola Estadual Henrique Lage, numerosos sindicatos, estabelecimentos militares da Marinha e do Exército, estaleiros e toda a região portuária de Niterói, indústrias diversas em funcionamento e ruínas de plantas fabris.

O fechamento de grandes estabelecimentos industriais como a Companhia Fluminense de Tecidos, a Fábrica de Fósforos Fiat Lux, a de bebidas Ron Merino, entre outras, além da crise profunda do setor de construção naval, que constituíam os ramos mais dinâmicos da indústria, acabou por consolidar, na área um "estranho parque fabril fantasma".

Em decorrência deste movimento de desativação do parque industrial, inúmeras agências bancárias foram fechadas, assim como os três cinemas existentes; Brasil; Neves e Vitória.

A decadência industrial desta área, que já foi conhecida como a Manchester Fluminense, tem sido, frequentemente, objeto de matérias jornalísticas: "Barreto: em busca do tempo perdido"- O Globo-abril/1989; "Memórias de um bairro aposentado"- Jornal do Brasil- agosto/1989.

Na atualidade, a recuperação econômica da região e, em particular, nos municípios analisados se desenvolvem nos marcos de um novo processo produtivo, no qual cada lugar possui características específicas que se desdobram numa articulação mais geral, que envolvem estratégias locais para promoverem seu desenvolvimento.

Tais observações se manifestam na reinstalação de alguns segmentos industriais no município de São Gonçalo, como nas atividades pesqueiras - indústria de beneficiamento de pescado - e na indústria química - Internacional Tintas - e farmacêutica - Laboratório B. Braun; na reestruturação da dinâmica do setor terciário e na reorganização dos cursos voltados para o trabalho. Este novo contexto apresenta aprofundamento de questões ligadas ao novo patamar de modernização no contexto pós-fordista, como demonstra tendências de aprofundamento da exclusão social.

No contexto dos anos 90, a região metropolitana do Rio de Janeiro tem apontado indícios de enfrentamento de um declínio econômico-industrial que se tornou agudo na década de 80. Nesse cenário os municípios estudados, em particular, têm apresentado um conjunto de ações estratégicas de enfrentamento da situação que se estrutura, principalmente, sobre três elementos: a busca de criação/recriação das condições de integração às novas exigências dos sistemas produtivos; a tentativa de unificação das administrações municipais com vistas a projetos regionais de desenvolvimento; e a incorporação nas discussões acerca do planejamento local, de setores historicamente excluídos desse tipo de participação. Do ponto de vista da relação trabalho urbano e qualificação profissional, o papel do Estado, em suas diferentes escalas e dos agentes privados se inscrevem nos contextos da política de qualificação profissional calcada no modelo hegemônico pelo pós-fordismo.

BIBLIOGRAFIA

- GEIGER, P. Urbanização e Industrialização na Orla Oriental da Baía de Guanabara. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, nº 4, 1956.
- OLIVEIRA, F. O Surgimento do Antivalor: capital, força de trabalho e fundo público. *Revista Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, nº 22, 1988.
- SANTOS, M. A Natureza do Espaço – Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996. S.P.
- _____. O Retorno do Território. In: SANTOS, M., *et alli* (org.) Território – Globalização e Fragmentação. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1996.